

# Zé por Zé *Cláudio Frusciante!*

Com a homoi-gação de Fernando Collor de Mello como candidato do Partido da Reconstrução Nacional (PRN) define-se finalmente o quadro sucessório de partida. Coincidentemente, um conceituado embaixador brasileiro lança para a discussão pública a delicada e mais que tática questão das nossas alianças externas (ou lealdades), quando no fundo do palco repercutem intensamente três fatos surpreendentes: a gloriosa recepção emprestada pelos poloneses ao presidente norte-americano Bush, o enterro do justicialismo — enquanto doutrina de (re)construção nacional — pelo próprio líder do peronismo e, por último, a dramática constatação de envolvimento do primeiro escalão governamental cubano no tráfico de drogas internacional.



É o fim das ideologias e do velho Estado protetor (de privilégios). Ao simbolizar, como “o caçador de marajás”, o centro da questão sucessória apontado pela

sabedoria popular, o candidato situado na liderança absoluta das pesquisas de opinião obriga os demais a se envolverem prioritariamente com a redefinição do papel do Estado paternalista brasileiro, também cartorial e sobretudo colonial. Como desmontar essa velha “jaqueira”, debelando a estagnação e relançando de maneira sólida e auto-sustentada a economia (antes que “os informais” o façam)? Eis a questão — e, também, a diferença em relação à Argentina, posto que nas formações sociais pujantes a solução vem vindo com a crise, imposta naturalmente pelo mercado. De qualquer maneira, o nu de nossa exaurida “classe política” é colossal para não dizer tragicômico.

A principal característica do pleito, portanto, será o processo de concretização do mito Collor. Em outras palavras, em que medida o talentoso Collor de Mello se expandirá e se enraizará como organização partidária (leia-se sustentação política), como assessoria ou núcleo da equipe de governo provável e, particularmente, como tática capaz de expressar/esconder e articular/desarticular os agentes de cujo conflito nascerá (e de alguma maneira se evidenciará

no consciente coletivo) a forma de redefinição do Estado proposta e aceita? Ou será que, ao fim e ao cabo, caberá a outro candidato expressar melhor o mito Collor aos olhos do eleitorado?

## **De alguma forma, os portões vão ser arrombados**

Não creio que Maluf e Lula possam expressar essa vontade porque ela já se delineou claramente antes, em Tancredo, e ambos se revelaram desajustados, depositários de ingredientes adversos, oposições radicais e extremadas, cada qual por um lado. A estratégia que a nossa embrionária cultura política articula não aceita a exacerbação do conflito de classes e muito menos a importação de antagonismos étnicos ou religiosos (embora um sindicalista tenha levado essa rejeição até a fronteira dos sexos e provocado, com isso, uma troca de candidatos a vice em seu partido que está sendo conhecida como operação Zé por Zé).

Ulysses e Aureliano são duas das três “viúvas” da Nova República feitas avalistas do pleito presidencial finalizador. Nessa alta missão se prestarão ao processo natural de “cristianização” ou

desmontagem das duas grandes e indistintas máquinas fisiológicas que se somaram na Aliança Democrática. Afim, com seu choque liberal, e Covas, com o choque de capitalismo, cumprem papel positivo na “descollorização” de Collor, como problema ou solução, no mesmo bloco. Serão os ajustadores da candidatura e beneficiários (menores) de eventuais inadequações desta ao mito Collor, do ponto de vista da redefinição liberal-democrática do velho Estado.

Restam Brizola e sua mensagem ameaçadora, clara e simples: “O privilégio não cederá e por isso será necessário abrir os portões dos guetos civilizados para que o cheiro da injustiça os sacuda e os incomode para forçar a solução, cercando o Sudeste e provocando infiltrações em suas periferias até relaxar sua guarda”.

Que as hordas chegaram, chegaram, informais, subterrâneas, irregulares e mesmo ilegais, tirando uma vantagem aqui e outra ali, pelas frestas do muro ou por cima dele. E, em novembro (ou dezembro), os portões serão abertos por cima (como antigamente se fazia) ou arrombados por baixo como sugere a indigência oficial.

Aloysio Azevedo é consultor político-sindical.